

A JOROBABEL MARIOANDRADINA: POESIA E CRENÇA *

Adna Candido de PAULA

RESUMO *A proposta desta pesquisa concentra-se na análise da questão da religião, da religiosidade e do sagrado na obra poética de Mário de Andrade considerando, fundamentalmente, a construção que o próprio poeta elabora para esses conceitos. Esta construção obedece ao antropofagismo avant-la-lettre e ao ecumenismo marioandradino. Este fato é identificado, primeiramente, na análise de parte da correspondência de Mário de Andrade, para, enfim, ser apreendido nos poemas. O corpus literário deste trabalho é composto por cinco poemas paradigmáticos da questão: “Jorobabel”, “Domingo”, “Religião”, “Carnaval Carioca” e “A Meditação sobre o Tietê”. A análise destes poemas, seguindo esta ordem, identifica uma progressão temática tanto da poesia quanto dos conceitos analisados. À medida que a poesia de Mário de Andrade vai se tornando mais densa, mais “madura”, a “sua” religiosidade segue movimento similar. Finalmente, tendo estabelecido uma série de idéias e conceitos relacionados ao tratamento que o poeta concede à religião, à religiosidade e ao sagrado, este trabalho oferece material para leituras futuras da obra poética de Mário de Andrade.*

ABSTRACT *The proposal of this research is concentrated on the analysis of the matter of religion, religiosity and sacredness in Mario de Andrade’s poetic work, fundamentally considering the construction the poet himself makes of these concepts. This construction obeys the avant-la-lettre anthropophagy as well as the poet’s own ecumenism. This fact is firstly identified in the analysis of a part of Mario de Andrade’s mail and then it is apprehended in the poems. The literary corpus of this work is composed of five paradigmatic poems related to the themes mentioned above: “Jorobabel”, “Domingo”, “Religião”, “Carnaval Carioca” and “A Meditação sobre o Tietê”. The analysis of these poems, following this order, identifies a thematic progression in the poet’s thought as well as in the poems. As*

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 07 de fevereiro de 2002, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Suzi Frankl Sperber.

Mario de Andrade's poems become more mature, his religiosity follows a similar movement. Finally, having established a series of ideas and concepts related to the poet's treatment of religion, religiosity and sacredness, this work offers material for future readings of Mario de Andrade's poetic work.

O projeto inicial que deu origem à dissertação de mestrado partia de um, aparentemente simples, pressuposto para a leitura das obras poéticas de Mário de Andrade – a religião. Seguiu-se, para a construção da hipótese do projeto, a pista dada por José César Borba¹ que, em uma nota de rodapé no livro *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*, afirmava que a religiosidade em Mário de Andrade era um aspecto, não só de sua biografia, mas de sua obra, que não foi devidamente aprofundado. Borba referia-se ao registro dessa opção religiosa de Mário de Andrade presente na correspondência que estabeleceu com escritores contemporâneos a ele. Foi na análise dessas cartas que se detectou a “construção” da personagem Mário de Andrade. Não era o homem Mário de Andrade que se apresentava aos seus interlocutores, mas sim a personagem fictícia, hábil e conscientemente elaborada. A epistolografia era uma religião para Mário de Andrade: seu prazer constituía-se em escrever cartas e não em receber cartas. Como observou Marco Antônio de Moraes², o diálogo epistolar marioandradino forja um espaço ficcional para onde convergem personagens e situações e, enquanto gênero, o aspecto mais impressionante dessa correspondência é a configuração da personalidade do poeta, tornada personagem desse romance. O que mais impressiona nessas cartas é o fato de o poeta desejar ardentemente desvelar-se aos amigos, delinear a sua filosofia, a sua verdade. Sobre elas, ele afirmou, no Prefácio Interessantíssimo: “*Minhas reivindicações? Liberdade. Uso dela; não abuso. Sei embriagá-la nas minhas verdades filosóficas e religiosas; porque verdades filosóficas, religiosas, não são convencionais como a Arte, são verdades.*” Observar este “desvelar-se” do poeta é o que nos permite perceber que este moldava as suas verdades à medida que novos elementos surgiam e o seduziam nesta jornada que é a vida. A religião e a religiosidade não fugiram a este paradigma. O contorno desses conceitos foi delineado neste primeiro momento de contato com a correspondência marioandradina. Se a religião, no senso comum, há de significar o dever sacro do homem religioso (ir à missa aos domingos, fazer as orações e os jejuns conforme a ordem religiosa à qual pertence), para Mário de Andrade, a religião é, antes de tudo, um comportamento, o comportamento do homem na/frente à vida. Da mesma forma,

¹ ANDRADE, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora S. A., 1983.

² ANDRADE, Mário & BANDEIRA, Manuel. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Org. introdução e notas de Marcos Antônio de Moraes. São Paulo: Edusp: IEB, USP, 2ª ed., 2001, p. 13, 14 e 16.

se a religiosidade, no senso comum, significa a relação do sujeito com Deus, com o mistério, em Mário de Andrade, a religiosidade é intermediada. É a relação do sujeito com Deus via o “outro”, e não se dá de outra forma. O “outro” é o elemento fundamental dessa religiosidade marioandradina.

Ao seguir a trilha de bandeirante pelo universo poético marioandradino, depara-se com o poeta trágico que conseguiu reunir seis histórias bíblicas em um poema de quatro estrofes, problematizando a questão da *hybris*, do limite da ação humana, da desmesura. Alí, aparece, de forma mais contundente, a presença do Antigo Testamento e, com ele, a presença do temor a Iahweh. São as histórias de Jó, Joel, a torre de Babel, Noé, Abel e as profecias apocalípticas sobre Jerusalém. Estas estão reunidas no poema “Jorobabel”, de onde partiu a idéia do título da dissertação: “A jorobabel marioandradina: poesia e crença”. Ainda nesta trilha depara-se com a crítica à atitude farisaica dos cristãos que cumprem mecanicamente o dever de ir à missa. Alí também está presente a crítica à inversão de valores de uma sociedade que cultua uma civilização construída com base na futilidade, uma civilização sem elementos de moral ética. Tal crítica reaparece no segundo poema analisado – “Domingo”. O terceiro poema, ainda nesta trilha fechada, é “Religião”. Neste, ainda se encontra a presença da crítica à atitude farisaica tanto dos cristãos, quanto dos representantes da Igreja. Neste poema, delineiam-se os primeiros elementos que constituirão a religiosidade dionisíaca de Mário de Andrade.

A partir daí o caminho não é mais tão tortuoso e sem definição: é possível entrever uma trilha limpa ao longe, é o momento de compartilhar da festa, da fantasia, da música do poema “Carnaval Carioca”. Neste, a religiosidade dionisíaca atinge o seu clímax. O primeiro contato do eu lírico com o carnaval deixa-o enojado e ele o recusa, até o momento em que se entrega à festa e se integra à magia para enfim, ao final dos quatro dias, ir dormir sem a necessidade de sonhar. Neste poema também estão presentes os dois modos de ser no mundo – o sagrado e o profano.

Enfim, chega-se ao último poema analisado na dissertação, que, não por coincidência, é o último poema da carreira poética de Mário de Andrade – “A meditação sobre o Tietê”. Este, mais conhecido como o testamento marioandradino, apresenta a religiosidade plena. Na “Meditação” o poeta desdobra-se, perde-se para, enfim, se encontrar pleno, renovado, ressurgido. É o diálogo do ser com o não-ser e a caracterização do sagrado, do Absoluto. Neste poema estão presentes todos os elementos observados na análise dos poemas anteriores: o “viver a vida com religião”; a “predestinação”; a “arte-de-ação”; o “sacrifício”; “ateísmo é o oposto de felicidade”, entre outros que configuram a religiosidade da personagem marioandradina. É o poeta-profeta que encerra a sua obra e existência com a sensação de dever não cumprido:

Mas apesar das sinceras intenções boas que dirigiram a minha obra e a deformaram muito, na verdade, será que não terei passeado apenas, me iludido de existir?... É certo que eu me sentia responsabilizado pelas

*fraquezas e as desgraças dos homens. É certo que pretendi regar minha obra de orvalhos mais generosos, sujá-la nas impurezas da dor, sair do limbo 'ne trista ne lieta' da minha felicidade pessoal. Mas pelo próprio exercício da felicidade, mas pela própria altivez sensualíssima do indivíduo, não me era mais possível renegá-los como um erro, embora eu chegue um pouco tarde à convicção da sua mesquinhez*³.

Este foi o percurso traçado. Passa-se da construção da religiosidade ainda amarrada aos conceitos bíblicos, para o conflito entre prática cristã e dogma. Depois Mário de Andrade enreda pelo caminho da emanção fluida e arlequina da religiosidade dionisíaca no seu auge, para, enfim, dançar o ritmo da nova dimensão, em que o eu lírico se encontra consigo mesmo, onde o esquecimento condensa todos os losangos de sua vestimenta arlequina e a alma do poeta serve de abrigo, como cantou em seus versos: *Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,/ Mas um dia afinal eu toparei comigo.../ Tenhamos paciência, andorinhas curtas,/ Só o esquecimento é que condensa,/ E então minha alma servirá de abrigo*⁴.

Muitos elementos surgiram no decorrer da análise dos cinco poemas apresentados: a crítica a atitude farisaica; a *hybris*; as profecias; a fecundidade e os ritos de vegetação presentes na figura do boi, dos deuses mitológicos, da água e da noite, dos intermediários entre os homens e a divindade; a religiosidade dionisíaca; a crítica ao apostolado corrompido dos “Herdeiros da Escola”; o “viver a vida com religião”; o pansensualismo e a bivalidade; “ateísmo é o oposto de felicidade”; entre outros. Alguns desses elementos apareceram em todos os cinco poemas de forma direta ou indireta, demonstrando serem eles elementos constantes da poética marioandradina.

O que presidiu a escolha destes poemas de Mário de Andrade? Por que, dentre a variedade de mais de 245 poemas publicados, somente estes cinco poemas foram selecionados? A justificativa para a escolha de “Jorobabel”, “Domingo”, “Religião”, “Carnaval Carioca” e “A Meditação sobre o Tietê” deriva da necessidade de estabelecer o paradigma, um paradigma para o entendimento e apreensão da religiosidade marioandradina. Mais, os cinco poemas possibilitam a identificação de uma progressão “crescente” dessa religiosidade: o conflito interno entre a própria crença e a atitude da Igreja, a configuração da religiosidade dionisíaca e o alcance da religiosidade plena, o encontro com o absoluto que se dá pelo auto-encontro. Entretanto, outros poemas, disseminados em diferentes momentos da obra poética de Mário de Andrade, apresentam estes mesmos elementos. Alguns exemplos:

³ ANDRADE, Mário de. *Poesias Completas*. Edição crítica de Diléia Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.

⁴ *Poesias Completas*, p. 211.

Clã do jabuti:

*Nós somos na Terra o grande milagre do amor!
E embora tão diversa a nossa vida
Dançamos juntos no carnaval das gentes,
Bloco pachola do 'Custa mas vai!'"*

Remate de males:

*Sou bom só nos domingos e dias-santos!
Só nas meias o dia-santo é quotidiano!*

Vida

Arame

Crimes

Quidam

Cama e pança!

Viva a dança!

Dança viva!

Vivedouro de alegria!

Eu danço!

Mãos e pés, músculos, cérebro...

Muito de indústria me fiz careca,

Dei um salão aos meus pensamentos!

(...)

O carro da miséria:

Vou me embora paz da terra

Paz da terra repartida

Uns têm terra muita terra

Outros nem pra uma dormida

A costela do grã cão:

A vida é para mim está se vendo,

Uma felicidade sem repouso;

Eu nem sei si gozo, pois que o gozo

Só pode ser medido em se sofrendo.

Livro azul:

E voltarei sempre de-noite às tuas carícias,

E serão búzios e bumbas e tripúdios invisíveis

Porque a Divindade muito naturalmente virá.

*Agressiva Ela virá sentar em nosso teto,
E seus monstruosos pés pesarão sobre nossas cabeças,
De-noite, sobre nossas cabeças inutilizadas pelo amor.*

Entretanto, nos cinco poemas selecionados, encontram-se os elementos básicos – elementos que subsidiarão a análise dos demais poemas – para a configuração da religiosidade marioandradina, uma religiosidade que, mesmo sendo fruto de uma “construção”, não perde o caráter do gênero que a define. Esta poesia, mesmo que não obviamente, traz em si a ânsia pelo absoluto presente no desejo de transformar. Como bem observou a professora Suzi Frankl Sperber, na palestra que proferiu no dia 30/10/01⁵, o poder de transformação, ligado ao anseio humano de absoluto, encontra analogia na alquimia – o desejo de transformar ferro em ouro. Outrossim, a alquimia é reconhecida, sobretudo, pela busca da pedra filosofal e do elixir da longa vida. O ouro, dizem os textos védicos, é a imortalidade e o simbolismo alquímico situa-se no plano cosmológico. Segundo Angelus Silesius, é o coração que se transforma em ouro⁶. Portanto, o anseio pelo absoluto, o desejo de transformação, presente em muitos dos elementos utilizados por Mário de Andrade para a elaboração de sua obra poética, define a “religião” deste homem – uma religião cujo pilar é a alteridade.

A questão da alteridade é apontada durante toda a dissertação como o elemento que permite a apreensão do sagrado na poesia marioandradina. A alteridade abre a possibilidade para o entendimento dos “outros”: o ser outro, o colocar-se ou constituir-se como outro, ou ainda, o totalmente Outro. Como pode ficar claro durante toda a pesquisa, a presença do “outro”, na poesia de Mário de Andrade, é constante, o poeta se dirige a, e é dirigido por, esta “presença”. Todos os elementos, citados anteriormente, decorrem dessa relação vital do poeta com o outro.

A sua Loucura, a coroa de luz depositada aos pés verdes da Santa Maria, é moldada na sua posição entre o divino e o homem: *A minha voz tem dedos muito claros/ Que vão roçar nos lábios do Senhor;/ Mas as minhas tranças muito negras/ Emaranharam-se nas raízes do jacarandá... (...) Os meus olhos têm beijos muito verdes/ Que vão cair às plantas do Senhor;/ Mas as minhas mãos muito frágeis/*

⁵ Esta palestra foi proferida na mesa de debates promovida pelo VII Seminário de Teses em Andamento, realizado no período de 30 de out. a 01 de nov. de 2001, no Instituto de Estudo da Linguagem – Unicamp. O tema da palestra era: “Deus na literatura” e a mesa de debate foi composta pelas professoras doutoras Adélia Toledo Bezerra de Menezes, Adma Fadul Muhana e Suzi Frankl Sperber.

⁶ “Se, através de uma polarização tardia, os chineses distinguem a alquimia interna (**nei-tan**) da alquimia interna (**wai-tan**) – embora a segunda não seja senão o símbolo da primeira – a simbólica é claramente exposta no Ocidente por um certo Angelus Silesius: *o chumbo transforma-se em ouro, e o acaso dissipa-se quando, com Deus, eu sou transformado por Deus em Deus. É o coração que se transforma em ouro do mais fino; o Cristo ou a graça divina é que são a tinta.*” ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. [trad. coordenada e ver. Por Alfredo Bosi, com colaboração de Maurice Cunio ... et al.]. 2ª. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1962, p. 38

*Apoiaram-se nas faldas do Cubatão... (...) Os meus joelhos têm quedas muito crentes/ Que vão bater no peito do Senhor;/ Mas os meus suspiros muito louros/ Entreteceram-se com a rama dos cafezais...*⁷ O que é perceptível nestes versos é a dicotomia entre o mundo material e o mundo divino, ou, entre o corpo e a alma. A tese defendida neste trabalho é de que o poeta encontrou em seus poemas uma forma de conciliar os dois modos de ser no mundo – o sagrado e o profano. A conciliação se deu pela unificação destes pela alteridade. Ou seja, a alteridade é o espaço de unificação de todos os elementos que compõem a religiosidade marioandradina. Segundo Aristóteles, a distinção de um gênero em várias espécies e a diferença dessas espécies na unidade de um gênero implica uma alteridade inerente ao próprio gênero: isto é, uma alteridade que diferencia o gênero e o torna intrinsecamente diverso⁸. A alteridade funciona como um gênero para o poeta, um gênero que consolida a diversidade dos elementos que configuram a sua religiosidade. A alteridade, enquanto unidade, é o elemento possibilitador da abertura para o sagrado na poesia de Mário de Andrade. Outrossim, o entendimento de Deus como dança simboliza este caminho que a alteridade tomou. Na dança existe a presença do corpo que simboliza o profano, o material, por outro lado, o espaço da dança é o espaço da socialização – do encontro dos outros, o outro que é o que está fora, e o outro que é o não-ser. Ou seja, este espaço abre a possibilidade para a manifestação do Outro – do sagrado. Segundo Octavio Paz, *la experiencia de lo Otro culmina en la experiencia de la Unidad*⁹.

Ainda com relação à dança: se o sagrado é a unidade, como é possível ter acesso a ele? Na interpretação de Octavio Paz, o acesso ao sagrado se dá pelo “salto mortal”, um salto mortal para a *otra orilla*. Aqui, retorna o sentido da dança como rejeição de toda a dualidade temporal para reencontrar, de um salto, a unidade primeira.

O caminho para o sagrado é, também, o caminho para si mesmo, para a vida e morte que estão contidos neste salto, neste instante mágico em que o ser se desvela a si mesmo. E para ter acesso a esse “outro” é preciso morrer para nascer de novo, por isso “salto mortal”, o salto para a outra borda. A metáfora é perfeita, é o salto na medida em que, de acordo com a etimologia do vocábulo, é o movimento com que um homem ou um animal se eleva do solo ou do lugar onde se acha, para vencer um espaço ou obstáculo, ou ainda, representa uma transição rápida. Elevar-se do solo é transcender, vencer o obstáculo é vencer os sentimentos do *tremendum*¹⁰, da repulsa

⁷ Esta é a voz “Minha Loucura” que faz parte do oratório profano “As Enfibraturas do Ipiranga”. *Poesias completas*, p. 108-109.

⁸ *Dicionário de filosofia*, p. 32.

⁹ PAZ, Octavio. *El arco y la lira: El poema*. La revelación poética. Poesía e historia. 2ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1967, p. 133.

¹⁰ OTTO, Rudolf, *O sagrado*. Trad. João Gama. Rio de Janeiro: Edições 70, Ltda. O *tremendum* (*pavor sacer*) é uma sensação de apagamento do ser ante o objeto numinoso, é a sensação do nosso nada.

e da atração, e permitir essa morte em vida no desejo de mais vida, de vida nova, ressurgida. Isso só viria a reforçar o sentimento de esvaziamento, de apagamento, do ser ante o sagrado. O outro é, na verdade, o duplo. De acordo com Paz, o Sagrado está intimamente ligado ao Dasein pois que a sua manifestação é um desvelar do ser, do Homem; o que foi verificado na análise do poema “A Meditação sobre o Tietê”.

De retorno à questão da alteridade como elemento unificador da diversidade, é preciso ter em mente, para bem compreender esta relação, o elemento que a possibilitou – o amor. Em muitos momentos neste trabalho, principalmente nos relatos testemunhais do escritor, o amor aos homens foi cantado como o impulsionador da criação da obra-de-arte marioandradina. Muitas foram as máximas proferidas pelo poeta neste sentido: (...) *orientei toda minha obra com sacrifício de qualquer idéia de perfeição. Fiz e faço ‘arte de ação’. Como ser individual e como amante de humanidade, eu devo eu tenho que mover o gesto do meu braço, a palavra da minha boca, eu tenho que render*¹¹; *Eu estuo e quebro-me de amor por todos os homens. Surpreende-me esta impossibilidade de malquerer os meus inimigos e só Deus sabe quantos são, e que ferozes*¹²; *Quero ser entendido. Porque si é verdade que Deus me deu alguma coisa superior, é num desejo que os outros se beneficiem dessa coisa*¹³; *A parte messiânica do meu esforço, o sacrificar minhas obras, escrevendo-as em língua que ainda não é língua, não é sacrifício de Jesus, é uma necessidade fatal do meu espírito e da minha maneira de amar, só isso*¹⁴. Mesmo com o risco de incorrer na redundância, e na exaustão, as citações foram reproduzidas acima, na intenção clara de marcar a posição defendida por Mário de Andrade. Estes fragmentos foram retirados de várias cartas dirigidas a diferentes remetentes.

O fato de o amor ser o elemento que faz a intermediação entre a alteridade e o sagrado, justifica-se pela característica conciliatória deste. Como foi visto na análise de “Carnaval Carioca” o amor, Cupido ou Eros, traduz o *complexio oppositorum*, ou, *coincidentia contrariorum*; ou seja, possui, intrínseco a ele, a potência unificadora. O amor é a pulsão fundamental do ser, que impele toda existência a se realizar na ação¹⁵. E a ação do poeta é concretizada na obra-de-arte, que, segundo este, guarda a essência do ser humano.

¹¹ ANDRADE, Mário de. *Cartas a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p. 33.

¹² ANDRADE, Mário de. *Cartas a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Clássicos Brasileiros - Edições de Ouro, 1967, p. 33.

¹³ *Cartas a Manuel Bandeira*, p. 37.

¹⁴ *Cartas a Manuel Bandeira*, p. 116.

¹⁵ “Nesse sentido, é simbolizado pela cruz, síntese das correntes horizontais e das correntes verticais; pelo binômio chinês do **Yang-Yin**. De um ponto de vista cósmico, após a explosão do ser em múltiplos seres, é a força que dirige o retorno à unidade; é a reintegração do universo, marcada pela passagem da unidade inconsciente do caos primitivo à unidade consciente da ordem definitiva.” *Dicionário de símbolos*, p. 46.

Octavio Paz¹⁶ faz uma analogia entre o amor platônico e o amor cristão. De acordo com Paz, o platonismo busca a desencarnação, nega o corpo, já o misticismo cristão, a exemplo de Jesus, é sobretudo um amor que se transforma em carne. Carne que é oferecida em sacrifício por amor dos homens, para salvá-los. Entretanto, ambos coincidem na vontade de romper com este mundo e subir ao outro. Como no amor cristão, Mário de Andrade assume a importância do corpo – na dança – como fator de transcendência. E o valor do sacrifício do Cristo é de vital importância para a relação do poeta com o seu amor aos homens. Afinal, Emanuel – deus conosco – funciona como o paradigma do verdadeiro amor. Retoma-se aqui, a enunciação feita pelo poeta em carta a Carlos Drummond de Andrade: *Esta diferença essencial entre mim e vocês todos os demais modernistas do Brasil explica os sacrifícios de minha arte. Sacrifícios que o não são porque formam a realidade mais comovente, palpável e desejada por mim da minha vida. Eu não terei de pedir ao Pai que me afaste o cálix da boca porque me embebedo com ele deliciosamente*¹⁷. O sacrifício, primeiramente, é bem aceito por aquele que muitas vezes afirmou viver a dor com religião, segundo, porque é a representação maior que o amor pode ter – a entrega da própria vida em favor do outro, por amor ao outro – e diretamente – o amor ao Outro.

A pesquisa realizada no mestrado e resumida acima, além de outras conquistas que possa apresentar, representa a base fundamental e o suporte para que vãos mais altos e mais ousados possam se alçados. Em “Poesia e Sagrado: a outra margem marioandradina¹⁸”, o objetivo concentra-se em analisar o potencial que a poesia de Mário de Andrade possui para a presentificação do sagrado. O que garante e mantém este “potencial” é a alteridade. Como já foi mencionado, existe em toda a obra artística de Mário de Andrade uma preocupação com o “outro”, o outro interpretado em todas as suas dimensões. O sentido primeiro da alteridade refletida na poética de Mário de Andrade passa pelo conceito filosófico de alteridade defendido por Emmanuel Lévinas, como compromisso ético.

E eis que surge, na vida vivida pelo humano – e é aí que, a falar com propriedade, o humano começa, pura eventualidade, mas desde logo eventualidade pura e santa do devotar-se-ao-outro. Na economia geral do ser e de sua tensão sobre si, eis que surge uma preocupação pelo outro até o sacrifício, até a possibilidade de morrer por ele: uma responsabilidade por outrem. De modo diferente que ser! É esta ruptura

¹⁶ PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. 4ª ed.. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Editora Siciliano, 2001.

¹⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de, org. *A lição do amigo*. Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982, p. 26.

¹⁸ Projeto de doutorado em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp – ; sob a orientação da profª. Drª. Suzi Frankl Sperber.

da indiferença (...) a possibilidade de um-para-o-outro, um para o outro que é o acontecimento ético. Na existência humana que interrompe e supera seu esforço de ser – seu conatus essendi spinozista – a vocação de um existir-para-outrem mais forte que a ameaça de morte; a ventura existencial do próximo importa ao eu antes que a sua própria colocando o eu diretamente como responsável pelo ser de outrem; responsável, quer dizer, como único e eleito, um eu que não é mais um indivíduo do gênero humano¹⁹.

E como esse “compromisso ético” com o outro aparece em Mário de Andrade? Através dos enunciados da personagem epistolar, como: “(...) alguma coisa mais importante que a minha importância futura tenho certeza que ficará e em que tive minha importância: a vida de todos pela qual não sei porque mistério imenso a gente se sacrifica amando sem querer. Não é por nenhum ideal de Brasil futuro que estou me sacrificando não, é porque gosto mesmo de gente e porque gosto [,] trabalho, mesmo que não queira, sempre matutando nessa gente²⁰”. Ou nos versos de sua poesia: “Nem você pode pensar/ Que algum outro brasileiro/ Que seja poeta no sul/ Ande se preocupando/ Com o seringueiro dormindo,/ Desejando pro que dorme/ O bem da felicidade.../ Essas coisas pra você/ Devem ser indiferentes,/ Duma diferença enorme.../ Porém eu sou seu amigo/ E quero ver se consigo/ Não passar na sua vida/ Numa indiferença enorme./ Meu desejo e pensamento/ (... numa indiferença enorme ...)/ Ronda sob as seringueiras .../ (... numa indiferença enorme ...)/ Num amor-de-amigo enorme ...”²¹.

A configuração e compreensão do(s) outro(s), é fundamental para o sucesso da pesquisa atual, principalmente, em se tratando da figura multifacetária que era Mário de Andrade. Para perceber e delinear essa passagem para a outra margem é preciso observar a ação reflexiva do poeta que “se” crítica, “se” corrige, “se” comenta, “se” penitencia... O filósofo Paul Ricoeur, na obra *O si-mesmo como um outro*²² e também em outros textos teóricos, investiga em profundidade a questão da alteridade. Paul Ricoeur, apreendendo a alteridade como um problema hermenêutico, dialoga com toda a fortuna crítica filosófica desde Kant, Husserl, Descartes, Heidegger, Gadamer, entre outros, a fim de dinamizar o entendimento desta. Outrossim, Ricoeur trabalha com outro conceito fundamental para a análise que a pesquisa atual se propõe – a questão da transcendência temporal da obra de

¹⁹ LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Coord. de Trad. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 18-19.

²⁰ ANDRADE, Mário de. *Correspondente contumaz: cartas a Pedro Nava, 1925-1944*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 75-76.

²¹ *Poesias completas*, poema: “Acalanto do Seringueiro”, p. 206.

²² RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Trad. Lucy Moreira César. Campinas: Papyrus, 1991.

arte. Em entrevista a Jean-Marie Brohn e Magali Uhl, o filósofo responde, dentre outras questões, acerca do status temporal que a obra de arte possui.

“Vous admettez la notion de transcendance temporelle de l’œuvre d’art?”

*Oui, mais alors peut-être faudrait-il introduire une composante qui n’est accentuée chez Kant, même si elle est souterrainement présente, à savoir le rapport à un public, le rapport à un amateur, au sens fort du mot ; car c’est du côté du récepteur de l’œuvre d’art que se révèle une autre historicité, celle de la réception. (...) Alors qu’y a-t-il entre les deux – l’œuvre d’art et ce public ? Réponse: la **monstration**, le fait qu’une œuvre d’art vise, par delà l’intentionnalité de son auteur, et en tant même qu’œuvre d’art, à être partagée, donc d’abord à être montrée²³.”*

Ou seja, Paul Ricoeur destaca o papel da recepção para o entendimento da dimensão da obra de arte, e nesse sentido, o filósofo aborda o último elemento necessário para a configuração da abertura para o sagrado. A capacidade “fundadora” da linguagem poética baseia-se no fato desta desprender as palavras de suas conexões e usos habituais promovendo um “renascimento” da palavra. Pois bem, Octavio Paz identifica esta potencialidade da criação poética e aponta para outro potencial – a poesia como objeto de participação: *El poema es creación original y unica, pero también es lectura y recitación: participación. El poeta lo crea. Poeta y lector son dos momentos de una misma realidad. Alternándose de una manera que no es inexacto llamar cíclica, su rotación engendra la chispa: la poesía*²⁴. Dessa forma, pode-se depreender que o leitor desempenha um papel ativo nessa relação sagrado-poesia: por isso ele compõe a trilogia – poesia-sagrado-leitor. Ele não só é o receptor como também é o criador, ou recriador, da possibilidade de manifestação do sagrado. Quanto ao movimento cíclico, cabe lembrar que este retoma a circularidade de vida para a morte que significa mais vida, ou, vida ressurgida, que na verdade é o movimento de instauração desempenhado tanto pela linguagem poética quanto pelo sagrado.

Segundo o teólogo e psicanalista Antonio Muniz de Rezende²⁵, a lógica da psicanálise é binocular: o paciente de um lado, o analista de outro, ambos com seu consciente/inconsciente, com representação e afeto. Dado um enunciado tal, o

²³ www.philagora.net : Entretien avec Paul Ricoeur par Jean-Marie Brohm et Magali Uhl. “Paul Ricoeur, arts, langage et herméneutique esthétique.”

²⁴ PAZ, Octavio. *El arco y la lira*, p.39

²⁵ O texto que usamos aqui, *A psicanálise atual na interpretação das novas ciências*, foi apresentado em sala de aula pelo professor convidado Antonio Muniz Rezende no seminário sobre o Sagrado ministrado pela prof.a. Dra. Suzi Frankl Sperber

paciente escolhe o sentido e o liga a uma significante: da mesma forma procede o analista. Rezende observa que as eleições, tanto do paciente quanto do analista, podem ser coincidentes ou diferentes; para um significante tal, analista e paciente podem escolher sentidos diferentes, ligados, no entanto, ao mesmo significante. Para que a interpretação seja possível, é necessário considerar o afeto que presidiu a escolha e a ligação de um e de outro. De acordo com Rezende, quando isso aconteceu o efeito terapêutico é muito mais viável, a partir da verdade como experiência emocional compartilhada. Baseado nessa lógica binocular foi que Rezende, recorrendo a Lacan, apreendeu o *point de capiton*²⁶, ou seja, a escolha é feita pelo inconsciente e em seguida é ligada a um significado formando este ponto de amarração. Dessa forma, o inconsciente surge por causa da escolha emocional e da ligação significativa; ele se manifesta no sonho, nas atuações, nos atos falhos, no esquecimento, nos chistes, etc.

Seguindo a mesma lógica binocular, agora levando em consideração o leitor e o escritor, pode-se dizer que é possível a apreensão do sagrado quando se estabelece o *point de capiton*. Dizendo por outra via, o sagrado manifesta-se na poesia, não somente pela intenção do poeta, mas também porque a presença dele na poesia é fruto do inconsciente do poeta que faz suas próprias eleições e representações. Ou seja, um escritor pode não ter objetivado uma poesia que suscite o sagrado, mas isso não impede que ela assim o faça. Sendo assim, quando o leitor, “segundo” o seu inconsciente, faz as mesmas eleições que o inconsciente do poeta fez, e, se essas eleições contemplam a esfera do sagrado, então aí se abrirá o caminho para a manifestação deste.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola. (1962). *Dicionário de filosofia*. [trad. coordenada e ver. Por Alfredo Bosi, com colaboração de Maurice Cunio ... et al.]. 2ª. ed. São Paulo: Mestre Jou.
- ANDRADE, Mário de. (1983). *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora S. A.
- _____. (1967). *Cartas a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Clássicos Brasileiros - Edições de Ouro.
- _____. (1981). *Cartas a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- _____. (1982). *Correspondente contumaz: cartas a Pedro Nava, 1925-1944*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- _____. (1993). *Poesias Completas*. Edição crítica de Diléia Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Villa Rica.
- ANDRADE, Mário & BANDEIRA, Manuel. (2001). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Org. introdução e notas de Marcos Antônio de Moraes. São Paulo: Edusp: IEB, USP, 2ª ed.

²⁶ “Usando a metáfora do encosto da poltrona, eu disse com Lacan que há uma *amarração* dos dois lados num ponto que ele chama de *point de capiton*. É assim que se faz sentido: com o inconsciente escolhe, e em seguida liga. Na lógica do inconsciente esses dois aspectos precisam ser levados em conta: a emoção e a representação – e nunca um só desses dois elementos.” p. 191.

- ANDRADE, Carlos Drummond de. (1982). org. *A lição do amigo*. Cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: José Olympio.
- LÉVINAS, Emmanuel. (1997). *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Coord. de Trad. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes.
- OTTO, Rudolf, *O sagrado*. Trad. João Gama. Rio de Janeiro: Edições 70, Ltda.
- PAZ, Octavio. (2001). *A dupla chama: amor e erotismo*. 4ª ed.. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Editora Siciliano.
- _____. (1967). *El arco y la lira: El poema*. La revelación poética. Poesía e historia. 2ª ed. México: Fondo de Cultura Económica.
- RICOEUR, Paul. (1991). *O si-mesmo como um outro*. Trad. Lucy Moreira César. Campinas: Papirus.